



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

MARCIRLANNI PONTES MOTA

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA NAS AÇÕES DO  
PROJETO DE EXTENSÃO PROENEM NA EEEP  
ADOLFO FERREIRA (REDENÇÃO)**

Redenção  
2017

MARCIRLANNI PONTES MOTA

**APRENDIZAGEM COOPERATIVA NAS AÇÕES DO  
PROJETO DE EXTENSÃO PROENEM NA EEEP  
ADOLFO FERREIRA (REDENÇÃO)**

Pré-projeto de pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. José Olavo da Silva  
Garantizado Júnior (IHL/UNILAB)

Redenção  
2017

Sumário	
<b>Apresentação</b> .....	<b>1</b>
<b>Delimitação do objeto</b> .....	<b>3</b>
<b>Justificativa</b> .....	<b>4</b>
<b>Fundamentação teórica</b> .....	<b>6</b>
Principais características da aprendizagem cooperativa.....	8
O método E.T.M.F.A usado na escola Alan Pino Tabosa e no PRECE.....	14
<b>Metodologia</b> .....	<b>17</b>
<b>Cronograma</b> .....	<b>18</b>
<b>Referências</b> .....	<b>19</b>

## APRESENTAÇÃO

No atual método de ensino, que é a metodologia expositiva, usado pela maioria das escolas, não desenvolve a formação crítica do discente, pois esta depende muito do conhecimento prévio que eles possuem, associado ao que eles assimilam durante sua passagem pela escola. As atividades que permitem os alunos desenvolverem seu senso crítico e suas habilidades sociais praticamente não ocorre. Essa problemática, infelizmente, ainda continua a proporcionar significativas marcas psicológicas nos estudantes por terem o ímpeto de disputa o caráter central de suas formações, preparando-os não para a vida e, sim, para as avaliações pelas quais serão submetidos quando estiverem no fim dos ciclos estudantis (9º. Ano, 3º. Série do Ensino Médio e Enade, na Universidade).

O processo de ensino-aprendizagem centrado em elementos voltados para o aspecto tradicional de “ensinar”, no início do século XXI, passou a ser discutido no ambiente acadêmico, assim como novas formas de se pensar a educação foram introduzidas, frutos de novas perspectivas e realidades.

No que concerne a esta questão, há o exemplo do Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE), que foi iniciado no ano de 1994, em uma comunidade chamada Cipó, zona rural do município de Pentecoste-CE. Tudo começou com 7 estudantes desta comunidade, aceitando uma proposta do Professor Manoel Andrade, professor do curso de Química da Universidade Federal do Ceará (UFC), para criarem um grupo de estudos e, a partir deste, proporcionarem momentos de estudos. Os jovens se reuniam em uma antiga casa de fazer farinha desativada, estudando cooperativamente e solidariamente, pois na época, não se tinham escolas que oferecessem o ensino fundamental completo, então quem desejava concluir a formação básica, necessitava cursar o supletivo na sede do município.

O grupo passou a se encontrava à noite para estudar, mas logo viram a necessidade de estudarem sobre o regime integral. Nesse contexto, a casa de fazer farinha virou então uma moradia, os alunos começaram a dormir neste espaço e passaram a comer com a ajuda dos moradores. Dois anos depois da criação do grupo, veio a primeira aprovação, Francisco Antônio foi aprovado em primeiro lugar para o curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Com a primeira aprovação, vieram novos alunos de comunidades diferentes e, até mesmo da sede, porém ainda não existia uma metodologia sistematizada, os alunos se

ajudavam, compartilhando suas experiências. Nos anos seguintes, novas aprovações surgiram. Em 2003, foi criada a Escola Popular Cooperativa Pentecoste (EPC-Pentecoste), logo depois, o grupo iniciou um projeto chamado “incubadora de células”, que deu origem às novas EPC’s em outras comunidades. Atualmente, são 13 EPC’s, distribuídas nos municípios de Pentecoste, Apunhães, Paramoti e Umirim e, como resultado do trabalho inicial do PRECE, são mais de 500 estudantes aprovados em Universidades e Faculdades no Estado do Ceará.

No ano de 2012, foi criada a Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, a qual foi uma parceria entre a Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC) e a Universidade Federal do Ceará (UFC), que se responsabilizou por implantar a aprendizagem cooperativa em sala de aula. Assim, a aprendizagem cooperativa é usada em todas as suas aulas e ela atende aos alunos de cinco regiões diferentes, predominantemente alunos de zona rural. A escola iniciou com os cursos de aquicultura, informática, agroindústria e acadêmico. Todos esses cursos usam a aprendizagem cooperativa na sala de aula, mas em especial, tem-se o “curso acadêmico”, que é ofertado apenas na Escola Alan Pinho e é um curso integral, não técnico, que foi desenvolvido para estudantes dispostos a serem aprovados nas diversas universidades.

O sucesso com os resultados do PRECE e com a escola Alan Pinho Tabosa nos possibilitou vislumbrar uma pesquisa na Região do Maciço de Baturité, principalmente, a partir de uma questão: Seria possível aplicar o método de Aprendizagem Cooperativa em outras escolas do estado do Ceará? Essa inquietação nos possibilitou a fazer reflexões sobre o assunto e, concomitantemente, a fazer novas leituras. Diante disso, após uma conversa com Prof. Olavo Garantizado (IHL/UNILAB), docente conhecedor do método de aprendizagem cooperativa. Vislumbrado com a possibilidade do desenvolvimento de uma pesquisa sobre esse tema, indicou-se a construção teórico-metodológica do presente projeto de pesquisa, que, de certa forma, contribuirá para as ações do Projeto de Extensão Palestras Interdisciplinares de Redação, Oficinas pelo método da Aprendizagem Cooperativa e curso preparatório para o ENEM (PROENEM/UNILAB), do qual fizemos parte como estudante voluntária no ano de 2016 e, no ano de 2017, atuamos como bolsista remunerada. Como se pode perceber, o projeto visa formar oficinas em que os estudantes da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) irão ministrar nas

escolas públicas da Região do Maciço de Baturité, utilizando o método do qual será nosso objeto de estudos. Nesse sentido, vislumbramos a análise das ações do projeto como “ponte” metodológica para a implementação das atividades de nosso projeto de pesquisa.

Depois de várias conversas, definiu-se a escola EEEP Adolfo Ferreira (Redenção) como opção para nossas análises, pois esta faz parte das ações do projeto PROENEM e, também, desde 2014, ela está “tentando” implementar o processo de ensino pautado pela aprendizagem cooperativa na Região do Vale do Acaraú. Sendo assim, definimos o espaço para a construção de nosso objeto de pesquisa.

Como ex-aluna da escola Alan Pinho e agora como bolsista integrante de um projeto que busca usar a Aprendizagem Cooperativa nas atividades de oficinas nas escolas públicas da região, consideramos oportuna uma reflexão da importância de nosso projeto. Sobre isso, os resultados esperados do processo desse método possibilitam o desenvolvimento da empatia, da interdependência positiva, ensina os estudantes a lidarem com conflitos, ter interação promotora, ser um estudante protagonista, ter autonomia intelectual, melhorar a interação aluno-professor, a desenvolverem a comunicação verbal e não verbal e, principalmente, desenvolver as habilidades sociais, assim saindo preparado para a vida pós ensino médio. Nesse contexto, essa pesquisa pode ser caminho útil e produtivo para o desenvolvimento de trabalhos que possam, assim como o nosso, trilhar o percurso de novas formas de ensino.

## **DELIMITAÇÃO DO OBJETO**

O ensino tradicional vem sendo questionado pelos seguidos fracassos<sup>1</sup> em que a escola regular está envolvida, principalmente, no que concerne à aquisição da aprendizagem dos estudantes. Nesse contexto, novas abordagens de ensino surgem como ferramentas que se demonstram eficazes para o processo de ensino-aprendizagem. O método de aprendizagem cooperativa, assim, é uma nova maneira de se lidar com várias questões que a escola tradicional não conseguiu ainda solucionar, pois esta, pelos métodos usados, valoriza a

---

<sup>1</sup> Quando falamos “fracassos”, estamos nos referindo aos métodos de aprendizagem que, infelizmente, continuam induzindo os sujeitos a valorização da subjetividade e da competitividade, sem preparar os sujeitos para diversas situações pelas quais a vida fora da sala de aula necessita. Estamos nos baseando nos índices e resultados dos indicadores educacionais brasileiros que, a cada ano, fazem referência a dificuldades dos estudantes das séries básicas em aprender.

individualidade, o professor é tido como detentor supremo do conhecimento e, muitas vezes, as habilidades e competências dos alunos se limitam aos apontamentos teóricos de sala de aula.

A aprendizagem cooperativa surge como um instrumento útil a fim de apresentar os conteúdos necessários para os apontamentos dos alunos e, proporcionar que este desenvolva as habilidades sociais que deverão ter ao longo da sua formação escolar, acadêmica e, principalmente, para a vida.

Ciente dessa dicotomia de perspectivas, surge a questão que nos norteou a realizar este trabalho: como os métodos da aprendizagem cooperativa podem ser aplicados nas turmas do Ensino Médio na EEEP Adolfo Ferreira Sousa (Redenção)? Desta questão, desdobraram-se mais três de forma secundária:

- a) Como os estudantes do Ensino Médio desenvolvem as habilidades sociais, tomando-se como base o método “grupos de especialistas” usado pelo processo de ensino por aprendizagem cooperativa?;
- b). Quais as atividades do método da aprendizagem cooperativa que mais se adéquam à realidade dos estudantes da EEEP Adolfo Ferreira Sousa?
- c) Como o Projeto PROENEM, a partir das oficinas interdisciplinares, servirá como instrumento de formação de núcleos de aprendizagem cooperativa na Região do Maciço de Baturité?

A escolha pela escola EEEP Adolfo Ferreira Sousa, no Município de Redenção, deu-se por este ambiente escolar ser um dos primeiros a querer utilizar o método de aprendizagem cooperativa na Região do Maciço de Baturité. Sendo assim, faz-se pertinente a análise de como essa prática pode ser proveitosa para esta escola, de tal modo como as escolas da região. Assim, para esta pesquisa, nosso objetivo central será o de analisar aplicabilidade dos métodos do processo de ensino por aprendizagem cooperativa nas turmas do Ensino Médio na EEEP Adolfo Ferreira Sousa (Redenção).

## **JUSTIFICATIVA**

Como já mencionamos em momentos anteriores, as aulas expositivas se resumem a exposições de conteúdos dados pelos professores com listas de exercícios para fixação dos conteúdos. Isso facilita que os alunos acabem sendo induzidos a acreditar na imagem de que

apenas o professor é detentor de conhecimento, que tem como função apenas passar adiante seu conhecimento da forma mais clara possível, o que acaba mantendo os estudantes distantes e não atuantes durante o processo de aprendizagem.

Nesse método, as avaliações são obrigatórias, fazendo com que os discentes sejam obrigados a decorar fórmulas, acontecimentos históricos e datas importantes, em virtude disso, os alunos acabam absorvendo de forma não satisfatória os conteúdos passados ao decorrer dos anos, apenas para obter o êxito de “passar de ano”, pois, para a maioria deles, é apenas isso que importa devido à forma de avaliação ligada ao método usado. Nesse sentido, também ocorre que os alunos que têm menos rendimento acabam sendo excluídos e deixados para trás pelos colegas, pois a metodologia prega a competição, com isso, os discentes acabam não desenvolvendo as habilidades sociais, o pensamento crítico e social.

Após o conhecimento da existência de uma escola profissional no município de Redenção, ao saber que a EEEP Adolfo Ferreira se interessava pelo método, a maior parte dos alunos almejava a faculdade e a escola não estava satisfeita com o atual método de ensino, surgiu a questão central que norteou nosso trabalho: Como se dá a aplicabilidade dos métodos do processo de ensino por aprendizagem cooperativa nas turmas do Ensino Médio na EEEP Adolfo Ferreira Sousa (Redenção)?

Ciente dessa problemática, este trabalho tem como objetivo central analisar como se dá a aplicabilidade dos métodos do processo de ensino por aprendizagem cooperativa nas turmas do Ensino Médio na EEEP Adolfo Ferreira Sousa (Redenção). Para tal, a hipótese central é de que a aprendizagem cooperativa, sendo bem empregada, implicará em resultados mais significativos na formação acadêmica e social dos estudantes, assim fazendo com que os estudantes já saiam da escola com suas habilidades sociais desenvolvidas, com sua formação humana evoluída, suas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem sejam supridas, preparados assim para a vida fora da escola.

Para falarmos da aplicabilidade do método a ser desenvolvido, usaremos como referencial teórico José Lopes e Helena Santos Silva (2009), que analisou a Aprendizagem cooperativa no contexto da sala de aula, como fazer para esta ser implementada, os seus métodos, os seus pontos positivos e como superar as dificuldades que podem surgir ao decorrer da implementação.



Nosso trabalho é importante, pois terá relevância para a avaliação da metodologia de aprendizagem cooperativa, até podendo servir como base para a implementação dessa metodologia nas escolas regulares, também terá relevante importância para a maior visibilidade dessa metodologia de aprendizagem, pois a mesma é desconhecida para a grande parte das pessoas.

Teoricamente, nossa pesquisa se enquadra nas Ciências Humanas e é, assim, relevante para a área, pois métodos como o que serão trabalhados nessa pesquisa é de grande relevância para as novas formas de educação, podendo assim trazer uma nova linha de pensamento na atual sociedade, mostrando que se pode utilizar-se de novas abordagens de aprendizagem mais concretas, a fim de desenvolver uma geração mais responsável com seus deveres de cidadãos.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **A Aprendizagem Cooperativa é recente?**

A Aprendizagem Cooperativa é uma técnica antiga<sup>2</sup>, na qual podemos ver seus princípios em livros milenários como a Bíblia e o Talmude. Após a leitura deles, podemos perceber que os dois mostram que é sempre melhor aprender/estar com mais indivíduos do que sozinhos. A Bíblia, por exemplo, entre os tantos trechos que falam sobre cooperação, apresenta o Livro de Eclesiastes, velho testamento, que deve ter sido escrito no século III a.C. Nesse livro, percebemos já um esboço do trabalho com a aprendizagem cooperativa, como podemos perceber em

É melhor serem dois do que um só, obterão mais rendimento no seu trabalho. Se um cair não há ninguém para o levantar: Mas ai do homem que está só: se cair não há ninguém para levantar! Também, se dormirem os dois juntos se aquecer-se-ão mutuamente: mas só homem como há-de aquecer? Se um dominar outro que está sozinho, dois resistem-lhe: o cordel triplicado não se rompe facilmente (Eclesiaste;4, 9-12).

Para Lopes e Silva (2009), o próprio Talmude significa “ensino, aprendizagem e estudo”. Nesses tipos de textos, seus ensinamentos giram em torno da orientação de que

---

<sup>2</sup> Apesar do reconhecido sucesso de práticas pelo uso do método cooperativo, este não é recente e, nesta seção, a partir dos achados de Lopes e Silva (2009), apresentaremos brevemente alguns aspectos históricos que, para nós, são importantes para entendermos o processo de constituição dessa abordagem de aprendizagem. Advertimos que muitas das informações são contidas na obra dos autores e são o reflexo de nossas leituras do que eles apresentaram das teorias e do percurso histórico.

devemos ter companheiros para aprender e devemos facilitar a aprendizagem dos outros. Outro importante momento, em que esse tipo de colaboração no processo de ensinamento, ocorre com o filósofo Sócrates (470 a.C-390 a.C) que na sua famosa “Arte do discurso” ensinava os seus discípulos em grupos pequenos. Em Sêneca (34 a.C-39 d.C), por exemplo, são notórios vestígios da aprendizagem cooperativa, quando é afirmado *Qui Docet Discet* que significa “quem ensina aprende duas vezes”.

Fazendo o percurso histórico desse método de aprendizagem, Lopes e Silva (2009) vão decifrar as práticas de ensino em outros tempos, como na Idade Média, cujos grupos de artesões trabalhavam juntos em pequenos grupos. Os que aprendiam com mais facilidade ficavam com o mestre para aprender e depois deviam ensinar o que tinham aprendido para os menos experientes.

Johann Amos Comenius (1592-1670), no período do Renascimento, afirma na sua obra *didactica magna* que os alunos se beneficiavam não apenas por ensinar os outros, mas também por serem ensinados. Tempos mais tarde o pedagogo britânico Andrew Bell (1753-1832) publicou em sua obra *uma experiência em educação*, falando sobre um método de ensino recíproco ou mútuo o qual os alunos que sabiam mais ensinavam os que sabiam menos. Na obra, Andrew Bell diz a seguinte frase “ Dêem-me hoje 24 alunos e eu dar-vos-ei 24 professores amanhã”. Anos depois, o pedagogo também britânico, Joseph Lancaster (1778-1838) difundiu o método de ensino mútuo, o método foi usado na maior parte das escolas primárias de Londres. Lancaster publicou as obras *Improvements in education (1803)* e *The British System of Education (1812)* com as bases do seu novo sistema de educação.

Lopes e Silva (2009) destacam que, logo após a primeira publicação de Lancaster, um novo sistema de ensino foi exportado para os Estados Unidos da América. Em 1906, foi inaugurada uma escola lancasteriana em Nova Iorque, a qual usava o método de aprendizagem cooperativa. Nove anos após ser implementada nos Estados Unidos, a nova forma de ensino foi levada para Portugal para ser introduzida nas escolas militares, onde o grande responsável por isso foi João Crisóstomo de Couto e Melo, responsável por adaptar o método criado na Inglaterra à educação portuguesa.

Em Massachusetts, o superintendente das escolas de Quincy e o Coronel Francis Parker, tornaram-se grandes defensores do método de aprendizagem cooperativa nas escolas públicas. Para Lopes e Silva (2009), a grande meta de Parker era criar uma sociedade

cooperativa e democrática. O êxito do novo método foi tão grande que ele foi implementado quase que cem por cento na educação, segundo Bouzas 2001, mais de 30 mil professores utilizavam a aprendizagem cooperativa.

Como se pode perceber, a cooperação entre os sujeitos a fim do processo de ensinar ao próximo é muito antiga e, apesar de ter sido valorizado em muitos períodos, tivemos fases em que ela foi colocada em questionamentos e esquecida, como apresentaremos a seguir.

A aprendizagem cooperativa ganhava força e adeptos a cada dia que passava, porém, no final dos anos 30, o interesse começou a declinar por causas econômicas, a grande crise de 1929, em que foi instalado como última “salvação”, potencializou que, nos anos seguintes da crise, os modelos que pregavam o individualismo ganhassem força.

Conforme Lopes e Silva (2009), mesmo com os modelos individualistas ganhando espaço e “sufocando” as técnicas de cooperação, haviam estudiosos que ainda queriam manter a aprendizagem cooperativa na sociedade. Um dos poucos que ainda continuaram esse trabalho árduo naquele momento foi o estudioso Julius Marler, que em 1929, publicou uma obra chamada *Cooperation and competition: an experimental study in motivation*, usando muitas variáveis ele defendia que o hábito de ensinar as crianças a sempre quererem se sobressair em cima de outra para sua própria glorificação e não as estimular a trabalharem em grupos faz com que elas esqueçam hábitos de cooperação e lealdade grupal.

Esse método, entre os anos 1930 do século XX até início da década de 80 do mesmo século, os estudos da Aprendizagem Cooperativa estiveram limitados a estudos esporádicos, até que, nos Estados Unidos, os irmãos Johnson (JOHNSON; JOHNSON, 1982, 1989, 1992, 1993, 2000) impulsionaram significativamente as ações em torno de retornar pesquisas sobre assunto de maneira científica e acadêmica.

### **Principais características da Aprendizagem cooperativa.**

A aprendizagem cooperativa com o decorrer dos anos foi ganhando características propriamente suas. Alguns professores acreditam está implementando a aprendizagem cooperativa, mas na verdade não estão. “Para que a aula seja cooperativa, é necessário que

estejam presentes cinco elementos essenciais ou básicos” (JOHNSON;JOHNSON, 1989). Para Lopes e Silva (2009), as principais características desse método são:

1. A interdependência positiva:
2. A responsabilidade individual e de grupo:
3. A interação estimuladora, preferencialmente face a face:
4. As competências sociais:
5. Processamento de grupo ou avaliação de grupo.

A interdependência positiva é quando os alunos necessitam de seus colegas para conseguirem alcançar a meta posta pelo professor, assim os alunos começam a compreender e aceitar a identidade social dos colegas, acentuam a cultura. Para Lopes e Silva (2009, p. 16), “a interdependência positiva cria situações em que os alunos trabalham em conjunto, em pequenos grupos, para maximizar a aprendizagem de todos os membros”. Para os autores, esse importante conceito é o “**núcleo central** da aprendizagem cooperativa” (LOPES; SILVA, 2009, p. 16 [grifo nosso]). Os autores afirmam que “os alunos precisam de desenvolver uma identidade única como indivíduos, uma identidade social baseada entre outros aspectos no seu passado étnico, histórico e cultural” (LOPES; SILVA, 2009, p. 17) , o que possibilita a melhor formação da interdependência positiva que, para eles, seguindo a mesma linha de pensamento dos irmãos Johnson, “sem interdependência positiva, não há cooperação” (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

Outra importante característica desse método é a responsabilidade individual e de grupo. Para Lopes e Silva (2009), um dos objetivos dos grupos de aprendizagem cooperativa é fortalecer cada membro do grupo, assim cada componente dos grupos têm que ter sua responsabilidade individual, para que todos tenham um aprendizado satisfatório, pois como cada alunos fica responsável por uma parte, se ele não tiver responsabilidade o suficiente para procurar com interdependência o assunto estudado para passar para o seu grupo, a aprendizagem grupal será prejudicada e, conseqüentemente, não será possível alcançar a meta de grupo.

A terceira característica é a interação estimuladora, preferencialmente face a face. Nas palavras de Lopes e Silva (2009),

A partir do momento em que os professores estabelecem a interdependência positiva, têm necessidade de maximizar a oportunidade dos alunos promoverem o sucesso uns dos outros, ajudando-se, apoiando-se, encorajando-se e elogiando os esforços que todos fizeram para aprender (LOPES; SILVA, 2009, p. 18).

De fato, para se conseguir essa característica, é necessário que os grupos sejam pequenos de dois a cinco estudantes, para que os estudantes consigam ver as reações de cada integrante do grupo, em uma explicação de conteúdo e, até mesmo, na resolução de conflitos. Essa característica é importante para que os alunos comecem a prestar mais atenção nos seus colegas e percebam quando eles estão bem ou não, assim conseguindo um trabalho mais produtivo.

A quarta característica fundamental para o método é o desenvolvimento de Competências sociais nos estudantes. Esse tipo de competência consiste em “ensinar aos alunos algumas competências interpessoais e grupais imprescindíveis ao trabalho em grupo” (LOPES; SILVA, 2009, p. 18). Nesse sentido, elas são fundamentais nos trabalhos de grupo, pois elas se dão como o contrato social, em que cada aluno vai colocar uma competência como: saber ouvir, esperar a vez de falar, compartilhar ideia, respeitar as diferenças, a fim de que seja criada uma harmonia entre o grupo.

A quinta característica é o processamento de grupo ou avaliação de grupo. Ela é fundamental, pois faz com que os grupos se concentrem sua na preservação, facilitando aprendizagem das competências sociais e possibilita que os membros grupo tenham o *feedback* das suas participações, lembrando aos alunos que eles têm que praticar as competências da cooperação.

Na aprendizagem cooperativa existem três tipos de grupos, que são: Os grupos formais, informais e de base. Os grupos formais: os alunos trabalham juntos para alcançarem determinadas metas; grupos informais: são quando os alunos ficam no mesmo grupo por um curto período de tempo; grupos base: são grupos que ficam por um longo período de tempo, que são heterogêneos.

Dependendo do objetivo do professor e da aula, são formados um desses três tipos de grupos e, dentro dos grupos, há um aluno responsável por desenvolver um papel atribuído a ele. Acerca disso, é importante lembrarmos o trabalho de Gaudet *et al.*(1998), em que há a apresentação dos seguintes papéis temáticos:

Quadro 1- Proposta de Gaudet *et al* (1998)

Tipo de papel	Descrição da proposta de Gaudet et al (1998)
Verificador	O aluno que fica com este papel fica responsável por procurar saber se todos os membros da célula compreenderam as tarefas, se estão todos de acordo com as decisões e ideias tomadas/propostas pelo grupo, verificar se o grupos fez todas as tarefas de acordo com o que o professor pediu.
O facilitador	Este aluno fica responsável por orientar os demais no desenvolvimento da tarefa proposta, ele orienta para que o grupo fique concentrado na tarefa e tenha um rendimento melhor.
Harmonizador	É o aluno responsável por cuidar do clima do grupo, intervir em conflitos e preveni-los, assim esse alunos irá trabalhar na resolução dos conflitos na célula.
Intermediário	É o único componente da equipe que pode se deslocar para pedir ajuda ao professor e aos outros colegas.
Guardião ou controlador do tempo	É o aluno responsável por fazer a divisão correta do tempo de determinadas atividades, para que a atividade ocorra no período de tempo ao qual os professor estipulou.
Observador	Este aluno irá observar os progressos feitos por cada aluno dentro do grupo.

Fonte: Elaboração nossa.

Como se pode perceber, a proposta de Gauder *et al* (1998) valoriza os principais aspectos que o aluno pode ter no método cooperativo. Entretanto, Lopes e Silva (2009) trazem algumas problemáticas que o processo de aprendizagem pode surgir que, para nós, merecem ser tratadas a título de reflexão.

- Os alunos valorizam muitas vezes o processo ou os procedimentos em detrimento da aprendizagem. O fazer depressa e o acabar a tarefa sobrepõem-se à reflexão e à aprendizagem conceptual;
- Em vez de reestruturarem as concepções alternativas, os alunos podem reforçá-las;
- A socialização e as relações interpessoais podem ter primazia sobre a aprendizagem conceptual;

Apesar do reconhecimento dessas desvantagens ao método, ele possui muitos benefícios que podem ser importantes para a formação dos sujeitos. A seguir, mostraremos brevemente alguns desses pontos, tomando-se como base os achados de Lopes e Silva (2009):

Quadro 2- Benefícios da Aprendizagem Cooperativa

Categorias	Dimensões
Benefícios sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Estimula e desenvolve as relações interpessoais;</li> <li><input type="checkbox"/> Promove respostas sociais positivas em relação aos problemas e estimula um ambiente de apoio à gestão de resolução de conflitos;</li> <li><input type="checkbox"/> Cria um sistema de apoio social mais forte;</li> <li><input type="checkbox"/> Encoraja a responsabilidade pelos outros;</li> <li><input type="checkbox"/> Desenvolve um maior número de relações heterogêneas positivas;</li> <li><input type="checkbox"/> Encoraja a compreensão da diversidade;</li> <li><input type="checkbox"/> Encoraja uma maior capacidade dos alunos para verem as situações, assumindo as perspectivas dos outros (desenvolvimento da empatia);</li> <li><input type="checkbox"/> Estabelece uma atmosfera de cooperação e de ajuda em toda a escola;</li> <li><input type="checkbox"/> Os alunos são ensinados como criticar ideias, não pessoas;</li> <li><input type="checkbox"/> As salas de aula cooperativas podem ser usadas para modelos ou exemplificar comportamentos sociais desejáveis necessários a situações de emprego em que se utilizam equipas e grupos;</li> <li><input type="checkbox"/> Os alunos praticam a modelagem social e os papéis relacionados com o trabalho;</li> <li><input type="checkbox"/> Fomenta o espírito de constituição de equipa e a abordagem da equipa para a resolução de problemas ao mesmo tempo que mantém a responsabilidade individual;</li> <li><input type="checkbox"/> Fomenta a prática do desenvolvimento de competências de liderança;</li> <li><input type="checkbox"/> Aumenta as competências de liderança das alunas;</li> <li><input type="checkbox"/> Proporciona os fundamentos para o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem nas instituições e nos cursos;</li> <li><input type="checkbox"/> Ajuda os professores a deixarem de ser o centro do processo de ensino para se tornarem facilitadores da aprendizagem, permitindo passar da aprendizagem centrada no professor para a aprendizagem centrada no aluno.</li> </ul>
Benefícios pedagógicos	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Promove o aumento da auto-estima;</li> <li><input type="checkbox"/> Melhora a satisfação do aluno com as experiências de aprendizagem;</li> <li><input type="checkbox"/> Encoraja os alunos a procurar ajuda e a aceitar a tutoria dos outros colegas;</li> <li><input type="checkbox"/> A ansiedade na sala de aula é significativamente reduzida com a aprendizagem cooperativa;</li> <li><input type="checkbox"/> A ansiedade nos testes é significativamente reduzida;</li> <li><input type="checkbox"/> Cria uma atitude mais positiva dos alunos em relação aos professores, elementos do conselho executivo e outros agentes educativos e uma atitude mais positiva dos professores em relação aos seus alunos;</li> <li><input type="checkbox"/> Estabelece elevadas expectativas para alunos e professores.</li> </ul>
Benefícios académicos	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Desenvolve competências de pensamento de nível superior;</li> <li><input type="checkbox"/> Estimula o pensamento crítico e ajuda os alunos a clarificar as ideias através da discussão e do debate;</li> <li><input type="checkbox"/> O desenvolvimento das competências e da prática podem ser melhoradas e tornarem-se menos aborrecidas por meio das atividades de aprendizagem cooperativa dentro e fora da aula;</li> <li><input type="checkbox"/> Desenvolve as competências de comunicação oral;</li> <li><input type="checkbox"/> Fomenta as competências metacognitivas nos alunos;</li> <li><input type="checkbox"/> As discussões cooperativas melhoram a recordação do conteúdo do texto por parte dos alunos;</li> <li><input type="checkbox"/> Cria um ambiente de aprendizagem ativo, envolvente e investigativo;</li> <li><input type="checkbox"/> Proporciona treino sobre as estratégias de ensino eficazes para a próxima geração de professores;</li> <li><input type="checkbox"/> Ajuda os alunos a deixarem de considerar os professores como as únicas fontes de conhecimento e saberes;</li> <li><input type="checkbox"/> Promove os objetivos de aprendizagem em vez dos objetivos de desempenho;</li> <li><input type="checkbox"/> Permite aos alunos exercitarem um sentimento de controle sobre a tarefa;</li> <li><input type="checkbox"/> Melhora o rendimento escolar dos alunos e a assiduidade às aulas;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Contribui para o desenvolvimento de uma atitude mais positiva em relação às matérias escolares;</li> <li><input type="checkbox"/> Aumenta a capacidade de retenção do aluno;</li> <li><input type="checkbox"/> Aumenta a persistência dos alunos na conclusão dos exercícios e a probabilidade de serem bem-sucedidos na conclusão dos mesmos;</li> <li><input type="checkbox"/> Os alunos permanecem mais tempo na tarefa e apresentam menos problemas disciplinares;</li> <li><input type="checkbox"/> Promove a inovação nas técnicas de ensino na sala de aula;</li> <li><input type="checkbox"/> Desenvolve a demonstração ou exemplificação de técnicas de resolução de problemas pelos colegas;</li> <li><input type="checkbox"/> Permite a atribuição de tarefas mais desafiadoras sem tornar a carga de trabalho excessiva;</li> <li><input type="checkbox"/> Os alunos mais fracos melhoram o seu desempenho quando se juntam com colegas que têm melhor rendimento escolar;</li> <li><input type="checkbox"/> Proporciona aos alunos que têm melhores notas a compreensão mais profunda que apenas resulta de ensinarem a matéria aos outros;</li> <li><input type="checkbox"/> Leva à produção de mais e melhores questões na aula;</li> <li><input type="checkbox"/> Os alunos exploram soluções alternativas para os problemas num ambiente seguro;</li> <li><input type="checkbox"/> Permite atender às diferenças de estilos de aprendizagem dos alunos;</li> <li><input type="checkbox"/> É especialmente útil na aprendizagem das línguas estrangeiras em que as interações que envolvem o uso da língua são importantes;</li> <li><input type="checkbox"/> É especialmente útil para o ensino da matemática;</li> <li><input type="checkbox"/> Enquadra-se bem na abordagem construtivista do ensino-aprendizagem.</li> </ul>
Benefícios na avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Proporciona formas de avaliação alternativas tais como a observação de grupos, avaliação do espírito de grupo e avaliações individuais escritas curtas;</li> <li><input type="checkbox"/> Proporciona feedback imediato aos alunos e ao professor sobre a eficácia de cada turma e sobre o progresso dos alunos, a partir da observação do trabalho individual e em grupo;</li> <li><input type="checkbox"/> Os grupos são mais fáceis de supervisionar do que os alunos individualmente.</li> </ul>

Quadro 3 – Benefícios da Aprendizagem Cooperativa (Lopes e Silva, 2009, p. 50)

O quadro anterior nos faz refletir sobre o quão o método pode ser produtivo nas diversas esferas do conhecimento e, principalmente, nas diversas etapas de formação dos sujeitos. Com efeito, isso possibilita uma consolidação do cidadão, tornando-o mais crítico e reflexivo e, principalmente, com novas competências e habilidades sociais.

No que se refere aos benefícios sociais, destacamos o fato de o método possibilitar o estímulo e o desenvolvimento de um dos elementos essenciais para o processo de construção de um sujeito por meio da Aprendizagem Cooperativa: as relações interpessoais. Isso possibilita, assim, maior e melhor desenvolvimento de habilidades de comunicação entre os sujeitos, contribuindo para que os sujeitos pratiquem a “modelagem social e os papéis relacionados com o trabalho” (LOPES; SILVA, 2009, p. 50) pelos quais exercerão dentro dos grupos. Além disso, não se pode deixar de mencionar o fato de encorajar a compreensão da diversidade. De fato, como dizem Lopes e Silva (2009), os integrantes dos grupos devem “assumir a responsabilidade por alcançar os objetivos e cada membro será responsável por



cumprir com a sua parte” (P. 17). Entretanto, para isso ser feito de forma consistente, o cidadão deve respeitar as opiniões dos outros membros, sabendo escutá-lo e, se necessários, atribuir as críticas construtivas, não se referindo, assim, a pessoas e sim para as ideias.

No que concerne aos benefícios pedagógicos, podemos ver que com a implementação da AC, os sujeitos começam a aceitar ajuda dos colegas, assim melhorando a sua socialização dentro das turmas, além disso, cria-se uma atmosfera onde o professor não é mais o detentor do conhecimento, assim, tendo uma relação mais positiva entre aluno-professor, ou seja, “uma nova relação que não seria mais de autoridade e obediência, mas sim de responsabilidade e cooperação” (LOPES; SILVA, 2009, p. 12).

Com relação aos benefícios acadêmicos, são encontrados inúmeros, como de que o aluno vai para escola com o objetivo de aprender, não mais apenas para “passar de ano”, em que se pode notar um maior aproveitamento dele na aula, assim como a sua assiduidade na escola, que permite aos professores passarem tarefas mais desafiadoras, sem sobrecarregar os estudantes.

No que diz respeito aos benefícios na própria avaliação, o professor já pode dar o *feedback* aos alunos, dentro de um curto período de tempo, pois como os estudantes se encontram em grupos, fica mais fácil a observação do mesmo e assim observa se eles estão ou não com dificuldades nos conteúdos, se será necessário mais uma aula sobre o mesmo.

### **O Método E.T.F.M.A usado na escola Alan Pinto e no PRECE**

Ao longo dos anos, como mostramos em nossa seção sobre os aspectos históricos do método cooperativo, este foi modificado conforme as necessidades das diversas realidades dos países pelos quais eles eram usados. Nesse sentido, aqui no Brasil, não seria diferente. Dessa forma, seria oportuno apresentarmos como se deu as modificações presentes no PRECE que, de certa forma, culminaram na introdução de uma metodologia própria usada na escola Alan Pinho e, nos últimos anos, serviu de “ponto de partida” para várias instituições governamentais e não governamentais.

No seu embrião de formação, o PRECE usava a aprendizagem cooperativa sem saber que estava usando-a. Isso ocorre por conta de a essência do projeto ser organizado em princípios e valores pelos quais, depois que o Professor Manuel Andrade foi fazer o seu Pós-Doutoramento nos Estados Unidos e entrou em contato com os irmãos Johnson, modificou

toda a forma do projeto. Trazendo aperfeiçoamentos teóricos e práticos, logo se viu que era necessário ter uma metodologia própria. Assim, criaram-se os **facilitadores** para passarem conteúdos nas aulas, os quais seriam divididos entre os membros dos grupos.

Sentiu-se a necessidade da criação de um método de transição entre o que estava em vigor no PRECE (usado antes da ida de Andrade para os EUA) e os avanços da AC no mundo (observados pelo professor em seu Pós-Doutorado), sendo que isso deveria ser feito dando “a roupagem necessária” para não se perder as conquistas que o PRECE tinha conseguido.

Foi desenvolvido, dessa maneira, o método E.T.M.F.A, a qual representamos a seguir:

- a) **Exposição introdutória:** apresentam-se os objetivos da aula e o professor mostra uma pequena exposição aos alunos que não deve ultrapassar 30% da aula. O facilitador explica as tarefas individuais e coletivas para os alunos.
- b) **Tarefa individual:** nesta parte, o objetivo é o de estimular a responsabilidade individual, a autonomia intelectual, a interdependência de tarefas e a interindependência de recursos.
- c) **Meta coletiva:** consiste na apresentação de uma meta na qual os alunos devem realizar juntos, mostrando o que cada aluno aprendeu na meta individual, a meta deve ser clara, pois os alunos terão pouco tempo para sua execução e o professor deve valorizar os grupos que conseguirem entregar a meta completa.
- d) **Fechamento da aula:** o fechamento pode ser feito de método expositivo para tirar alguma dúvida dos alunos que surgiram no decorrer das tarefas e, também, serve para os alunos serem preparados para a avaliação final.
- e) **Avaliação final:** que serve para observar se os alunos alcançaram as metas, para estimular a responsabilidade individual e dar o feedback aos alunos.

A **explicação introdutória**, como o próprio nome já diz, é o momento em que o professor aborda os conteúdos a serem destinados para a aula, onde são feitos pequenos tópicos para a introdução do conteúdo a ser estudado, assim o professor não podendo passar de 30% de sua aula, pois os alunos irão tirar suas dúvidas ao decorrer das atividades.

A **tarefa individual**, que tem como objetivo o aluno treinar sua responsabilidade individual, não tendo a oportunidade de se “escorar” nos seus colegas, começa logo após a explanação do professor, em que o aluno recebe uma parte do conteúdo, no qual só ele tem

no grupo e que ficará responsável para estudá-lo, tirar suas dúvidas com seus outros colegas ou professor e passar da forma mais clara possível para os integrantes de seus grupos.

Na **meta coletiva**, em que os alunos treinam sua interação com seu grupo, sua responsabilidade grupal, desenvolve suas competências de comunicação oral, cujo estudante aprende a criticar as ideias e não os colegas entre outros; é quando os estudantes deverão responder a um pequeno exercício que o professor elaborou, onde o mesmo abrange os conteúdos estudados por cada aluno e compartilhado em grupo.

O **fechamento da aula** é o momento em que os alunos comentam as suas metas coletivas, para fazer a retirada de possíveis dúvidas que ficaram depois da tarefa, assim o professor pode observar onde os alunos tiveram mais dificuldades, se vai ser necessário uma outra aula sobre o mesmo conteúdo e os alunos observam onde foram seus erros e como eles podem melhorar. Nesta etapa os alunos se preparam para a sua última fase, que é a avaliação individual.

**Avaliação individual** serve para o professor realmente fechar suas conclusões sobre a aula. É uma pequena avaliação, feita no final das aulas para que o professor possa observar e ter o controle, se os alunos realmente conseguiram aprender o conteúdo ou se eles tiveram dificuldades, assim podendo dá o feedback aos alunos em pouco tempo.

Em termos práticos, o método se apresenta como um instrumento de desenvolvimento das competências sociais pelas quais os estudantes que são ensinados pela aprendizagem cooperativa recebem. O que se percebe é que ele não está “estranho” e, a cada momento, há adaptações, segundo as realidades e mudanças pelas quais estamos submetidos no processo de ensino-aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento da pesquisa, o método a ser utilizado será o hipotético-dedutivo. Assim, esse tipo de método é o que privilegia a apresentação de uma problemática inicial e a criação de uma hipótese que deve ser testada. Sendo assim, esse projeto surgiu da questão norteadora: como os métodos da aprendizagem cooperativa podem ser aplicados nas turmas do Ensino Médio na EEEP Adolfo Ferreira Sousa (Redenção)? E, a partir disso, tivemos a hipótese central de a hipótese central é de que a aprendizagem cooperativa, sendo

bem empregada, implicará em resultados mais significativos na formação acadêmica e social dos estudantes, assim fazendo com que os estudantes já saiam da escola com suas habilidades sociais desenvolvida, com sua formação humana evoluída, suas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem sejam supridas, preparados assim para a vida fora da escola.

Para a análise dos dados, faremos uma abordagem qualitativa, pois analisaremos interpretativamente como os métodos da Aprendizagem Cooperativa são aplicados nas oficinas interdisciplinares do projeto de Extensão ProEnem na EEEP Adolfo Ferreira.

Para procedimentos de investigação, faremos as seguintes etapas:

1ª. Etapa da pesquisa- Contato com a escola e conhecimento sobre como os projetos foram executados: Nesta etapa, iremos formalizar nossa ação de observação na escola e colheremos dados sobre a execução do projeto.

2ª. Etapa da pesquisa- Participação das ações dos projetos como observadora: nesta etapa, visualizaremos todo o conteúdo e atividades e iremos fazer uma rápida documentação por imagens de todas as ações, a fim de observamos como se constitui o método cooperativo nas oficinas.

3ª. Etapa da pesquisa- Identificação das atividades: Nesta etapa, faremos um mapeamento de como as atividades desenvolvidas nas oficinas trataram o método Cooperativa.

4ª. Etapa da pesquisa- Análise e discussão dos resultados: Nesta etapa, serão analisadas as eficácias das ações das oficinas.

## CRONOGRAMA

Atividades	2018.1				
	fev	mar	abr	Mai	jun
Revisão da bibliografia	x	x	x		
Reunião com o Núcleo Gestor e planejamento das ações			x		
Leituras sobre interdisciplinaridade				X	x
Leituras sobre Aprendizagem Cooperativa				X	x

Atividades	2018.2				
	mar	abr	mai	Jun	jul
Observação das oficinas do PROENEM na escola EEEP Adolfo Ferreira	x	x			
Coleta do <i>corpus</i>			x	X	
Análise dos resultados				X	
Produção de artigo acadêmico para Revista Qualis-Capes (B4 ate B2)				X	
Apresentação dos resultados na Escola e por meio de Palestra na CREDE 8 e na Unilab					x

## Referências

Bouzas, P. (2001). *Aprendizaje cooperativo em matemáticas em el nivel de educación secundaria obligatoria. Proceso global de aprendizaje*. Tesis Doctoral:Universidad Nacional de educación a Distancia.

GAUDET, D. e al. (1998). *La coopération em classe. Guide pratique appliqué à l'enseignement quotidien*. Montréal : Les Éditions de la chenelière/McGraw-Hill.

JOHNSON, D. W e JOHNSON, R. T. e STANNE, M. (2000). *Cooperative Learning Methods: A Meta- Analysis*. Disponível em URL: <http://www.clere.com/pages/el-methods.html>. Consultado em 23/10/2000.

JOHNSON, D. W e JOHNSON, R. T. (1989). *The effects of cooperative and individualistic instruction on handicapped and nonhandicapped students*. Journal of Social Psychology, 118, 257-268.

JOHNSON, D. W e JOHNSON, R. T. (1989). *Cooperation and competition: Theory and research*. Edina, MN: Interaction Book Company.

JOHNSON, D. W e JOHNSON, R. T. (1992). *Creative Controversy: Intellectual Challenge in the Classroom..* Edina, Minnesota: interaction, Book Company.

JOHNSON, D. W e JOHNSON, R. e HOLUBEC, E. (1993). *Cooperation in the classroom.* Edina, MN: Interaction Book Company.

LOPES, J.; E SILVA, H. S. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor.* Editado pela LIDEL, 2009.